

# Botha criou mais suspeitas da responsabilidade de Pretória

Serviço da AIM

30/1/87 N.

O Ministro dos Negócios Estrangeiros da África do Sul, Roelof Botha, tem muito pouco que agradecer aos seus colegas de governo.

Sistematicamente, eles emurraram-no para a frente das batalhas mais inglórias.

Botha não procurou provocar precisamente essa inferência. Por essa razão, e por uma outra.

Logo após a sua declaração sobre a presença de álcool no sangue de dois dos tripulantes, órgãos de Informação na África do Sul e no Ocidente repro-

se de um caso em que a África do Sul era culpada até provar o contrário.

E menos não era de esperar nessa altura, pois o General Malan acabara, dias antes, de fazer ameaças muito sérias à vida do Presidente moçambicano, e porque as autoridades

se de crime em aberto, pois toda a evidência circunstancial da altura apontava nessa direcção.

E não cabia a Moçambique, como país que se envolveria directamente na investigação, lançar acusações.

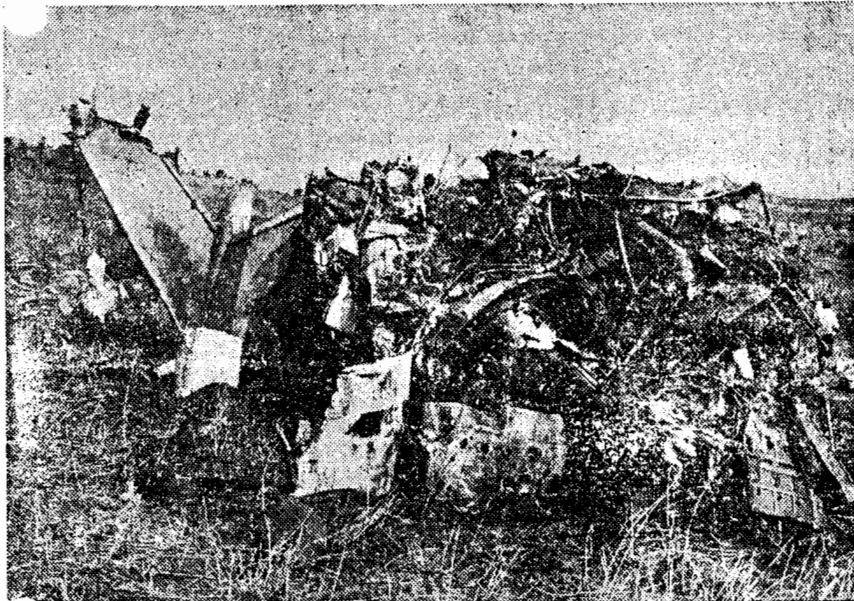
Também como país directamente envolvido na investigação, não cabia à África do Sul pôr como hipótese única o acidente, como Roelof Botha fez logo no dia 20 de Outubro.

Cabia à África do Sul pôr essa hipótese e deixar outras em aberto sem enveredar por declarações que mais tarde vieram a provar-se erradas.

Da mesma maneira coube a Moçambique pôr a hipótese de crime sem uma acusação categórica e deixando o caminho aberto para uma investigação séria, a qual deverá ainda chegar a conclusões.

Com as suas declarações falsas e de exercício de propaganda, ainda que envolvidas numa aura de contrapropaganda, o Ministro Botha complicou muito as investigações, criou

ainda mais suspeitas de que Pretória estaria envolvida num crime contra Samora Machel e mais de 34 seres humanos.



estroço do avião presidencial «Tupolev-134» caído em Mbusini a 19 de Outubro de 1986. (Foto do Arquivo)

O caso em torno do despenhamento do avião presidencial moçambicano é apenas um entre muitos.

Respondendo segunda-feira na audição em Joanesburgo, Botha disse que começara a falar do despenhamento por que a África do Sul estava a ser acusada de, por alguma forma, ter causado a morte do Presidente Samora Machel.

A partir daí, Botha diria coisas que viriam a ser provadas como erradas.

Por outras palavras, Roelof Botha aceitou entrar numa acção de desinformações com a capa de contrapropaganda.

Na audição perguntaram-lhe se, ao dizer que havia álcool no sangue de dois dos tripulantes, procurara fazer inferir que esses tripulantes estariam sob o efeito do álcool.

Botha respondeu que não procurara provocar tal inferência, apesar de, no minuto anterior, ter reconhecido que entrara numa acção de contrapropaganda.

E, pois difícil, acreditar que

duziram as declarações de Botha.

O «Século», de Portugal, por exemplo, trazia em cabeçalho: «Muito álcool e pouco combustível».

Órgãos de Informação famosos, como a BBC, também entraram nessa inferência que Botha diz agora não ter querido provocar.

Por exemplo, no seu balanço sobre 1986 a BBC (televisão) dizia que «o Ministro dos Negócios Estrangeiros sul-africano disse que a tripulação tinha estado a beber».

Seria possível hoje acreditar em Botha se ele, nessa altura, perante o que os meios informativos haviam começado a dizer, tivesse vindo a público afirmar que da sua declaração não se devia inferir que os tripulantes estavam sob efeito de álcool.

Vários líderes acusaram a África do Sul de ter estado por detrás da tragédia de Mbusini. O Presidente Kenneth Kaunda pôs as coisas assim: tratava-

se de uma campanha sem precedentes para convencerem a opinião pública sul-africana e ocidental de que estava emitiendo uma queda do Governo moçambicano.

Por outras palavras, Moçambique e a Linha da Frente e qualquer país atento ao que se passa na África Austral, muito legítima e logicamente esperavam uma acção muito séria da África do Sul contra Samora Machel e contra Moçambique.

Como país directamente envolvido, Moçambique guardou as suas suspeitas, por muito profundas e legítimas que elas eram, a única declaração que apontava esse sentimento foi a do Ministro da Informação. Quando indagado sobre se o Governo moçambicano punha de lado a hipótese de envolvimento criminoso sul-africano, ele disse que de maneira nenhuma isso havia sido afastado.

O Ministro Hanguana não acusou directamente a África do Sul, mas manteve a hipóte-